

A casa de Luís da Câmara Cascudo: um lugar de adoração ao São Cascudo.

KALIANA CALIXTO FERNANDES*

Situada no meio da avenida, que, hoje, leva o seu nome, a casa onde Luís da Câmara Cascudo viveu e produziu grande parte de sua obra, foi construída em fins de 1900 pelo industrial, o coronel Afonso Saraiva Maranhão. É uma das mais antigas construções da área.

A única a apresentar lambrequim, ornato de madeira na beira do telhado, elemento introduzido na arquitetura brasileira, presumivelmente, a partir da segunda metade do século XIX. Embora a fachada principal se apresente no alinhamento da rua, o acesso a casa é feito pela lateral, através de escadaria em granito desenhado. O piso é bastante elevado em relação ao nível da rua, sugerindo a existência de um porão, o que não se confirma. As janelas com sacadas trabalhadas, o piso assoalhado bem como o forro são provenientes de reformas posteriores a 1910. O frontão triangular, com óculo em forma de rosácea, a cornija e o arremate da empena pelo lambrequim, conferem um aspecto neoclássico à edificação reforçado pelas sacadas das janelas com guarda-corpo de ferro. (Processo nº 03/89 CEC/ RN, pág. 03).

Após a morte do industrial Afonso Saraiva Maranhão, em 1910, a casa foi vendida ao juiz federal José Teotônio Freire, que nela residiu com sua família até o seu falecimento, em 1944. Logo a seguir, a casa foi alugada a um órgão ligado ao exército, e, em 1947, devido ao seu mau estado de conservação, a viúva do juiz federal, Dona Maria Leopoldina Viana, decidiu colocar a casa à venda, a qual foi imediatamente comprada pelo seu genro, Luís da Câmara Cascudo, que passou nela a residir com sua família até o dia do seu falecimento, 30 de julho de 1986. Todas as informações citadas nesse artigo referentes ao imóvel foram retiradas do conjunto de documentos que integram o processo de tombamento da casa. Anexado ao pedido formal de tombamento do imóvel feito pela Fundação José Augusto ao Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte, foram encaminhados dois relatórios com informações detalhadas sobre a casa. A Fundação José Augusto fez um levantamento dos nomes de todas as pessoas que já foram proprietárias do imóvel, destacando a notoriedade do seu último proprietário,

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN, bolsista REUNI.

além de ter feito uma análise técnica minuciosa da casa, chamando à atenção para a originalidade do seu traçado arquitetônico. Em fevereiro de 1990, através da portaria nº 045/90 a casa foi tombada. Mais do que pelo valor histórico do imóvel, na justificativa dada pelo secretário de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Norte, Luiz Eduardo Carneiro Costa, que concedeu parecer favorável ao pedido encaminhado pela Fundação José Augusto, prevaleceu o fato de haver nela se instalado, e mais, por haver nela se incorporado, como em nenhum outro local a presença do “mestre ilustre”.

Trata-se de um edifício de características bastante significativas, de traçados e linhas que o destacam na parte daquela artéria urbana. Acresce, no caso, a circunstância de nela se haver instalado, e a ela se haver incorporado, como em nenhum outro local, a presença do mestre ilustre, que honra as letras e a inteligência do Rio Grande do Norte. (Parecer nº 06/ 89 – CEC/RN. pág. 05).

Nas páginas do jornal local A República, notadamente entre os anos de 1970 e 1980, encontramos o registro de relatos curiosos feitos por pessoas que visitaram a casa do escritor potiguar. Nesses relatos a casa é descrita como um lugar envolvido por uma “penumbra santa” irradiada pela presença de seu morador ilustre: o São Cascudo, o padroeiro oficial da cidade de Natal/RN.

Nós fomos, num domingo azul de agosto, eu mais Jaime jovial aí pelo sol posto visitar o Cascudo, o bruxo, o sabe-tudo, o grande feiticeiro de Natal... Há muito eu namorava aquele instante de ouvir Cascudo, de sentar-me diante desse homem singular, que soube retratar, com seu estilo claro e jovial, o espírito do povo tal e qual. Chegamos, mas a casa estava quieta. Pairava no ar uma penumbra santa. Um pássaro cantor, irmão do poeta, afinava a viola da garganta... Até que uma mocinha, pondo seda na voz, quase em segredo, veio dizer que o professor não tinha passado bem, que se deitara cedo, e não podia receber ninguém (...) Lá fora sem Cascudo e sem poesia, ao peso de uma enorme nostalgia, ficamos mais azedos do que vinagre ante o milagre que não aconteceu, pois cada um de nós, era um romeiro, dois peregrinos que de muito além vieram para ver seu padroeiro, e que encontraram, preso de uns cordéis, este “aviso aos fiéis” [grifo do autor]: O santo adoeceu e hoje não pode receber ninguém. (jornal A República. Natal, 14 de julho de 1985).

“Os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as nossas necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983: 4). De uma maneira geral podemos considerar que os homens compartilham com os animais certos padrões de comportamento em relação ao lugar. Porém, nós humanos

respondemos ao lugar de maneiras complicadas que não se concebem no reino animal. Apesar de possuímos órgãos sensoriais semelhantes aos de outros animais, nós “somos coroados por uma capacidade excepcionalmente refinada para a criação de símbolos”. (*Ibidem*, 5)

As paredes de uma sala de seu casarão-biblioteca-museu, na Junqueira Aires, de cujas varandas se avistam o mais lindo pôr do sol, estão cheias de assinaturas ilustres de estrangeiros e nacionais, que ali foram “beijar a pedra”, no gesto ritual e comovedor da visita obrigatória ao mestre natalense, já monumento de si mesmo, em pleno estado de graça, aureolado por aquela machadiana “glória que fica, eleva, honra e consola.”. Ele é o nosso totem, o nosso mito, o nosso homem-escritor símbolo realíssimo e vivo. (COSTA, 1980, 15).

“Sabe-se que o espaço da percepção, o espaço da visão e do tato, não apenas não coincide com o espaço da matemática pura, mas também que entre ambos há, pelo contrário, uma divergência generalizada” (CASSIRER, 2004: 151). Entre esses dois espaços, ocupando uma posição intermediária singular, Ernt Cassirer aponta a existência do que ele chamou de “espaço mítico”. Segundo CASSIRER, há uma forma de organização do espaço mítico que é distinta da forma de organização do espaço empírico, que implica numa determinada maneira de organizar e de “orientar” o mundo de acordo com determinados pontos de vista espaciais, que se distinguem nitidamente e de forma característica do modo como o pensamento empírico realiza a organização espacial do cosmos. Assim, longe de pensar o mito como um esquema irracional de representação do cosmo, totalmente desprovido de uma lógica que o constitua, o mito passa a ser apreendido como uma forma de conhecer e atribuir significados as coisas que integram o mundo que nos rodeia. Nesse artigo, a partir das idéias do filósofo francês Michel Foucault e dos conceitos de espaço de Michel de Certeau e do conceito de Lugar de Yi-Fu Tuan pretendemos investigar o processo de transformação do espaço da casa de Câmara Cascudo em lugar de peregrinação de intelectuais, artistas, políticos, estudantes e curiosos anônimos, com o objetivo principal de problematizarmos a relação entre o indivíduo e o espaço no processo de invenção de si. Como fontes historiográficas destacamos o diário de memórias escrito por Câmara Cascudo em 1969, mas que só foi publicado em 1971, “Na ronda do tempo”, além dos registros dos relatos feitos pelas pessoas que estiveram na casa, os quais foram publicados em jornais e revistas locais, e em livros escritos por autores potiguares. A partir da análise discursiva

desses relatos pretendemos investigar a atuação de Câmara Cascudo no processo de transformação do espaço da sua casa em lugar de memória, lugares constituídos para “parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para prender o máximo de sentido num mínimo de sinais”. (NORA, 1993: 13).

Durante os anos de 1967, 1968 e 1969 Câmara Cascudo produziu, respectivamente, três diários de memórias: “O tempo e eu”; “Pequeno Manual de um doente aprendiz” e “Na ronda do tempo”. Para a nossa leitura optamos por trabalhar unicamente com seu diário “mais íntimo”. A justificativa para a nossa escolha está no fato de termos encontrado em suas páginas um maior número de registro dessas visitas, acompanhados de um maior detalhamento sobre o modo como se deu a organização dessas visitas no espaço da casa do mestre do folclore brasileiro. A visita é “uma entidade definida com extrema precisão social no caso brasileiro e, portanto, sujeita a uma série de atenções altamente conscientes, ritualizadas e solenes” (DAMATTA, 1997: 11). Nesse sentido, as “normas de recepção” “amortecem a passagem entre a casa e a rua e, simultaneamente nos fazem anfitriões, transformando o estranho, o parente e até mesmo o inimigo ou estrangeiro numa visita” (*Ibidem*, 11).

Este é o mais íntimo e confidencial dos meus livros. Além do tempo e eu (1968) e do Pequeno Manual do doente aprendiz (1969). Terá pequena edição e não se repetirá enquanto eu viver. Solilóquios de um velho professor aposentado e no aposento de sua pequenina biblioteca. Registro de visitas e pensamentos que o procuraram durante um ano. (CASCUDO, 1971: 96).

Apesar de repetir insistentemente ao longo dos 365 dias do ano de 1969 que esse é o diário de um “velho professor aposentado”, o que nós percebemos é que o fato dele ter se recolhido em seu sobrado não significou aposentadoria. Câmara Cascudo recebia diariamente em sua casa a visita de pessoas vindas dos mais variados cantos do Brasil e, inclusive, de fora do país, as pessoas o procuravam para pedir conselhos, livros, a sua orientação em relação ao encaminhamento de pesquisas, e, caso não fosse possível comparecer pessoalmente a casa do mestre, era só telefonar para a casa do mestre Cascudo, que a sua esposa, Dhália Freire, transmitia por telefone as respostas das consultas feitas ao seu marido.

Tenho a alegria de continuar Professor. Diariamente Dhália transmite ao telefone respostas às consultas de História, Literatura, Etnografia, além de

rapazes e moças que recebo e oriento, ditando notas ou emprestando livros. Fácil é indicar temas aos estudantes sei que saibam onde estão as fontes, notadamente quando se trata do Rio Grande do Norte. O caminho natural leva à Junqueira Aires, 377, ou ao telefone 1852. Há quem ignore que, aposentado, não permitiram que deixasse a cátedra. Não estou “comendo deitado” (grifos do autor)... (CASCUDO, 1971: 73).

Os estudantes do ensino ginásial e os estudantes universitários eram presenças constantes em sua “salinha de livros”.

Estudantes, rapazes e meninas, enchendo minha salinha de uma curiosidade irreprimível. Falam devagar, sorrindo, rompendo o acanhamento na confiança que lhes inspiro. Vez por outra silêncio. Olham-me como se desejassem não esquecer a velha fisionomia que, pela primeira vez, fica ao alcance do exame juvenil. (CASCUDO, 1971: 116).

Seis rapazes. Fortes e alegres. Falando em nome dos trinta concluintes da turma de 1969 no Ginásio Salesiano. “Fui aclamado patrono” (grifos do autor) (CASCUDO, 1971: 130).

O prof Caio Lima visita-me à noite com seus alunos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco. Um grande grupo jovial, povoando de graça e simpatia a salinha dos livros. (CASCUDO, 1971: 99).

Muitos dos visitantes não se limitavam apenas a fazer consultas costumavam, também, sugerir ao mestre Cascudo temas para estudo. Como foi o caso de um grupo de estudantes, que sugeriu ao mestre a realização de uma conferência sobre a história da lua.

Uns estudantes vêm sugerir-me conferência sobre História da Lua. Permanecem tão confiantes na minha sabedoria como eu desconfiado dela. (CASCUDO, 1971: 108)

Para que os seus visitantes levassem uma lembrança material do encontro, como celebridades, Câmara Cascudo e Dhalia Freire chegavam a posar para fotos.

O padre Hoornaert voltou. Trouxe o seu colega Jacques Thisen, belga de Namur, e a máquina fotográfica. Linda manhã de sol. Minha mulher e eu fizemos poses entre flores, sorrindo como Miss em passarela. (CASCUDO, 1971: 105).

Não só o anfitrião fez questão de registrar em seu diário de memórias muitas das visitas feitas a sua casa, mas também, muitas das pessoas que estiveram na casa para o encontro com o mestre Cascudo também não abriram mão de deixar por escrito sob a

forma de relato o registro desse encontro. Como foi o caso de Manuel Onofre Júnior, que dedica um dos capítulos do seu livro “Guia da cidade de Natal”, que já está na sua 5ª edição, para narrar o seu encontro com o mestre Cascudo, em 1974.

Rua Junqueira Aires, 377. Endereço famoso. Aí reside Luís da Câmara Cascudo. O solar elegante, com varandas, mostra na fachada as marcas do tempo. Transpondo o velho portão de ferro trabalhado, venço a escadaria de mármore e estou emocionado, diante da porta da frente. Dá-me, de repente um acesso de timidez. É tarde, porém, para retroceder. Bato palmas, desprezando a “cigarra” [grifos do autor]. Anália, velha serviçal da casa, atende e me anuncia. Em seu escritório trajando pijama, charuto entre os dedos, Cascudo não parece comendador, nem escritor internacional, mestre do folclore. É um sertanejo velho e simpático quem está diante de mim, largando de vez em quando gargalhadas imensas. Ao redor paredes cheias de livros de cima a baixo. Brochuras em sua maior parte imagens barrocas e estatuetas várias espalham-se nos quatro cantos da sala e em cima do birô desordenadamente. Entre elas, um São Sebastião preso a um cardeiro nordestino. E, mais livros – em pilhas, no chão sobre as cadeiras (estilo antigo), nas estantes que vão a duas salas vizinhas. No vão de parede livre de livros: autógrafos a lápis. De gente famosa que o visita. (ONOFRE JÚNIOR, 2009: 153).

Na edição especial da revista A província, publicada em 1969, reeditada em 1998, pela Fundação José Augusto, feita em comemoração aos setenta anos de vida de Câmara Cascudo, e aos seus cinquenta anos de vida intelectual, Joracy Camargo publicou o artigo intitulado “A maior glória de Câmara Cascudo”. Nele, ele destacou a devoção do povo da cidade a um homem, que “não se sabe se é um homem ou se é um Deus” (CAMARGO, 1998: 24). Nesse mesmo artigo, Joracy Camargo publicou o relato do seu encontro com o escritor potiguar.

Quando cheguei pela primeira vez a Natal, ansioso por abraçá-lo, nem lhe conhecia a morada. Não havia por ali ninguém de colarinho e gravata a quem perguntar. Apenas uns garotos meio esfarrapados, carinhas sujas, jogavam gude em plena rua; arrisquei a pergunta: Sabem onde mora o escritor Câmara Cascudo? E logo todos gritaram: Ora moço sabemos todos! (...) Já defronte ao número 377 da rua Junqueira Aires (...) Ao subir a pequena escada, senti a emoção de um crente fervoroso que entrasse no vaticano para ver o Papa. E já dentro da velha casa, defendendo-me dos livros mal arrumados, parecendo que vão soterrar as visitas, e vendo os bonecos folclóricos o bando de meninos da rua, que alegria, que efusão, a

mesma do reencontro de velhos amigos. Ainda com a voz embargada, pedi um copo d'água, e Cascudo fez questão de que eu a bebesse no copo de prata. Seria água benta? Não sei, mas era pura, e chegava a ter sabor. Tinha gosto de afeto, como se tivesse jorrado do coração de Cascudo. (Ibidem, 24).

Para além da descrição das ações e dos personagens que lá estiveram, esses relatos influenciaram de maneira decisiva no modo como as pessoas sentiam, agiam e pensavam em relação a esse espaço. A partir da análise discursiva das memórias escritas por Câmara Cascudo e dos relatos feitos pelas pessoas que visitaram a casa observamos a existência do que chamamos de “ritual de visita”. É como se através da produção e circulação desses relatos as pessoas fossem para esse encontro com um roteiro pré-estabelecido na mente. Para confirmar a nossa hipótese, podemos citar um fato curioso ocorrido durante a visita feita pelo ex-presidente Juscelino Kubstcheck a casa do mestre Cascudo, provavelmente tendo sido informado do modo peculiar como o mestre costumava despachar os seus visitantes, e estranhando o fato de que ele apenas ouvia, já que normalmente nessas visitas apenas ele falava, pediu para que o mestre o avisasse quando chegasse “a hora de sair do seu terreiro”.

Mestre Cascudo tem uma maneira toda especial de “despachar” [grifo do autor] as pessoas quando o papo já está cansando. Mas o interessante é que o ex-presidente Juscelino Kubitschek veio a Natal e fez questão de conhecer o papa do folclore. Lá pras tantas, reparando que Cascudo apenas ouvia a conversa, o presidente disse: mestre Cascudo, quando chegar a hora de sair do terreiro me avise. É que a maneira de Câmara Cascudo expulsar a sua molecada (ex-alunos, amigos) já era conhecida em todo o Brasil. Até o presidente. (jornal A República. Natal, 01 de outubro de 1974).

O ritual de visita, também, envolvia o uso de uma indumentária específica: pijama de seda e sandálias, além de um modo peculiar de receber as pessoas, deitado numa rede ou sentado numa cadeira de balanço, com as pernas esticadas, fumando o seu inseparável charuto, que só abandonaria perto de sua morte. O espaço da biblioteca era o lugar da casa onde o mestre Cascudo costumava receber as suas visitas. E, uma placa fixada na porta de entrada da sua casa informava o horário das visitas.

Na sua porta do chalé da Avenida Junqueira Aires há essa advertência: “O professor Câmara Cascudo não recebe pela manhã.”. Abre exceção para os amigos e ex-alunos. (jornal A República. Natal, 28 de abril de 1985).

Os relatos tecem o enredo da trama, que conecta o espaço aos objetos, transformando o seu gabinete de trabalho, lugar onde normalmente recebia as visitas, no mundo de

Câmara Cascudo, o único mundo para o qual foi efetivamente criado. Entre as imagens antigas; os totens; os amuletos; as efígies; os bichos empalhados; as peças de madeira de Chico Santeiro; as peças de barro do mestre Vitalino; os retratos; as máscaras; os diplomas; as condecorações; os desenhos; as flâmulas; as moedas; os panos pintados; as estatuetas africanas; os objetos de índios; os fósseis milenares; além dos livros espalhados pelos quatro cantos da biblioteca, empilhados nos cantos das paredes do chão da biblioteca ou sob cadeiras, são representados através dos relatos enquanto portadores de uma aura mágica, que ao se constituírem, enquanto, objetos constituem simultaneamente o espaço e o sujeito que nele habita. Aliás, os relatos atuaram de maneira decisiva não só na transformação do espaço da casa em altar oficial de adoração ao “mestre de todos nós”, mas também, e, principalmente como uma espécie de rede social favorecendo a adesão de um número cada vez maior de novos fiéis.

O mestre Cascudo, já o disseram é o “mestre de todos nós” [grifos do autor], e como eu duvidasse, fui lá e vi-o, numa simples tarde de maio, e senti as palavras do mestre. (jornal A República. Natal, 22 de maio de 1975).

Uma casa se constrói basicamente de cimento e concreto, porém o que dá a sua existência é algo intangível. Aos 79 anos de idade, surdo e quase cego, Câmara Cascudo demonstrou irritação diante da proposta feita por uma imobiliária, que lhe ofereceu dinheiro para que ele permitisse a demolição da sua casa, para que em seu lugar fosse construído um “arranha céu de apartamentos”.

Minha mulher nasceu nesta casa. Aqui noivamos e casamos, aqui nasceram e casaram os meus filhos. É um chalé do século XIX, com o forro da biblioteca imitando a bandeira nacional. E um imobiliária quer que eu venda para construir um aranha céu de apartamentos. Pra eu ir morar no 20o andar! Eu disse pra eles aquele nome gostoso, que todo mundo sabe demais, mas acha feio dizer. Eu disse uns nomes assim. Pra que é que eu vou querer esse dinheiro que eles me ofereceram? Para que me diga? Onde minha mulher andou criança, andam agora os meus netos. Essa casa é viva pelos que nela moram, por mim que mora aqui. Minha casa não tem preço, é insusceptível de avaliação à base de moeda. (jornal A Tribuna do Norte. Natal, 04 de dezembro de 1977).

No dia 02 de abril de 1984, a filha do folclorista potiguar, Anna Maria Cascudo, declarou numa entrevista dada para compor uma série em homenagem ao seu pai, que apesar de não ser uma “enamorada de Natal” terá que permanecer na cidade, porque seu

pai já havia lhe dito que ao “desaparecer” ele quer que a casa seja transformada em fundação, e que ela fique a frente da instituição.

Eu não sou uma apaixonada, uma enamorada de Natal, embora saiba que tenha que ficar aqui, porque papai já me disse que quando ele desaparecer essa casa tem que virar uma fundação e eu ser presidente enquanto viver, ele não admite outra pessoa, principalmente pela minha sinceridade. Ele quer que aqui se estude folclore, etnografia e história, as coisas que ele sempre amou, e que eu fique à frente, ele disse: Você é a pessoa certa de ficar a frente, não deixe que isso se transforme em escada política, principalmente porque você sabe as pessoas reais que são amigas minhas. Então vocês vão ter que me agüentar e eu agüentar Natal. (Arquivo do jornal Diário de Natal. Natal, 02 de abril de 1984).

Depois de uma longa temporada de portas fechadas a casa teve as suas portas reabertas. Transformada em museu pelo *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo, a casa abriga a sede do Instituto, o qual é presidido por sua filha, Anna Maria Cascudo, e administrado por sua neta, Daliana Cascudo. A instalação oficial do Instituto se deu em 07 de outubro de 2007, mas sua inauguração só aconteceu no dia 30 de dezembro de 2009, data em que se vivo fosse Câmara Cascudo completaria 111 anos de vida. Criado de maneira independente, e, segundo a neta do folclorista potiguar, com recursos incalculáveis, o Instituto é uma associação civil, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, que tem como principal objetivo a preservação, divulgação, gerência e capitalização do patrimônio cultural de Câmara Cascudo. Em entrevista a um jornal local, por ocasião da inauguração do Instituto, a neta do folclorista potiguar declarou:

É um sonho muito antigo de nossa família. A nossa intenção é que se torne uma casa biográfica e que consiga ser um local de pesquisa. (jornal Tribuna do Norte. Natal, 30 de dezembro de 2009).

Mais do que um sonho de família, a idéia de transformar a casa em fundação, integra um projeto maior executado ainda em vida pelo próprio Câmara Cascudo que teve como principal objetivo “bloquear o trabalho do esquecimento”, materializando o imaterial a fim de “prender o máximo de sentido num mínimo de sinais”. Ao transformar o seu lar, lugar íntimo, em lugar de memória, Câmara Cascudo atribuiu não só a sua casa, como também, a si mesmo um caráter de imortalidade. Hoje, o museu Casa de Câmara Cascudo abriga um acervo composto por 30 mil peças, 15 mil correspondências e 10 mil livros. Passados mais de vinte anos desde a data de sua morte, através da atuação do

Instituto a sua casa é viva, pois conforme nos ensinou o mestre Cascudo: “a morte existe, os mortos não!” (CASCUDO, 1971: 118).

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org). **A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: Ed PUCRS, 2004.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 7 ed. São Paulo: Companhia das letras. 1999.

CASSIRER, Ernt. A filosofia das formas simbólicas. (VI A linguagem) In: Introdução e exposição do problema. São Paulo: editora Martins fontes. 2001.

_____. O mito como forma de intuição – Construção e articulação do mundo espaço-temporal na consciência mítica. In: A filosofia das formas simbólicas (II O pensamento mítico). São Paulo: editora Martins fontes. 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994. In: Terceira Parte: Práticas de Espaço, pp. 169-217.

DELGADO, Andréia Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Campinas, 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 13ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. Outros Espaços. In: **Ditos e Escritos**. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, pp. 411-422.

LYRA, Carlos. **Uma câmara vê Cascudo**. 3 ed. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MENEZES, Ulpiano T Bezerra de. **Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista, Nova Série, São Paulo, v.2, p. 9-42, 1994.

_____. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.11, p. 89-103, 1998.

NORA, Pierre. Entre memórias e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n 10, p. 8-28.

OLIVEIRA, Gildson. **Câmara Cascudo: um homem chamado Brasil**. Brasília: Brasília Jurídica, 1999.

ONOFRE JÚNIOR, Manuel. **Guia da cidade do Natal**. 5 ed. Natal:Sebo Vermelho, 2009.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.